

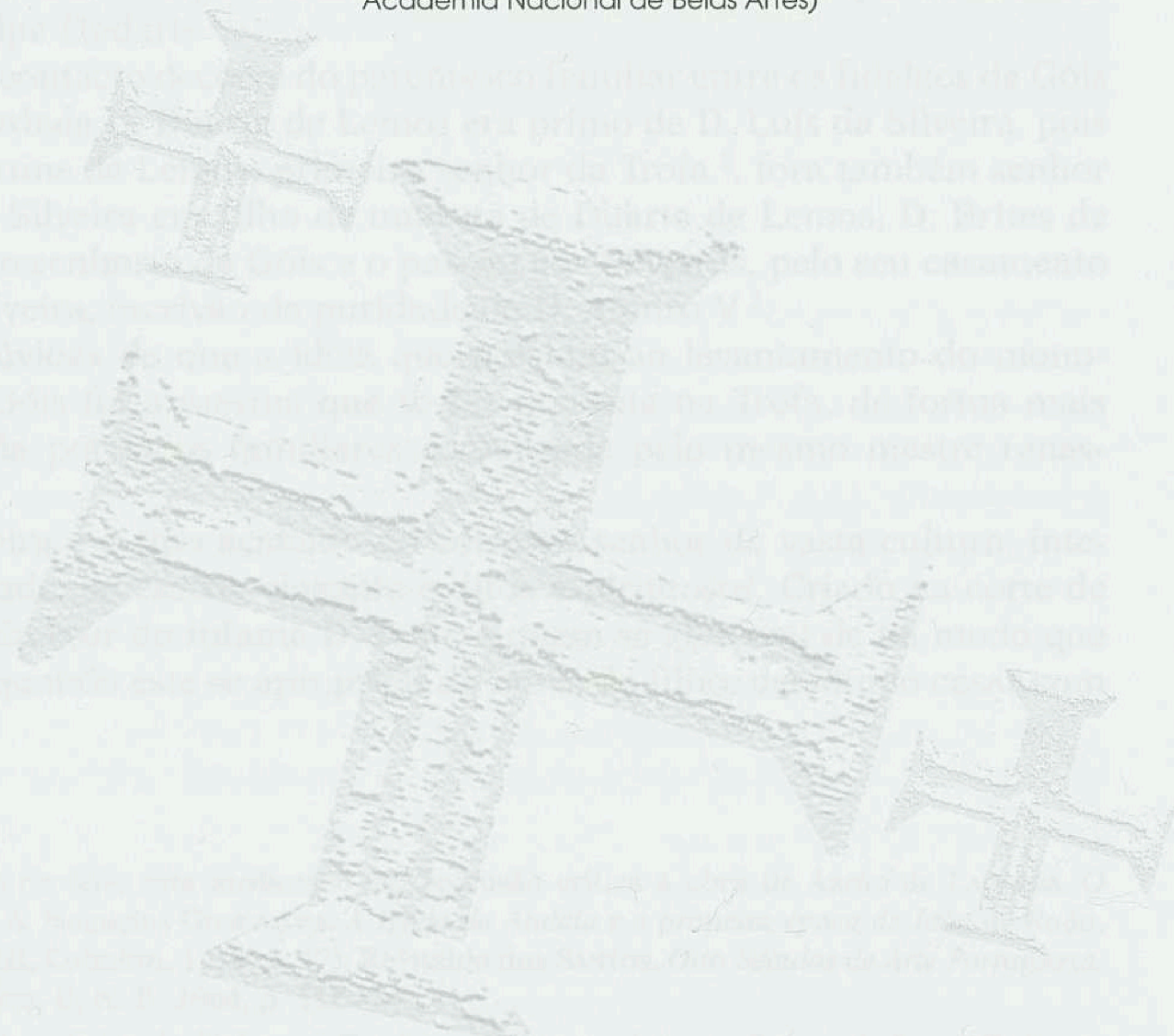


Revisitar João de Ruão: temas e formas. Os túmulos de Góis e Trofa do Vouga

por

NELSON CORREIA BORGES

(Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra
Academia Nacional de Belas Artes)



REVISITAR JOÃO DE RUÃO: TEMAS E FORMAS. OS TÚMULOS DE GÓIS E TROFA DO VOUGA

Muito se escreveu já sobre os túmulos de D. Luís da Silveira, em Góis, e de D. Duarte de Lemos, em Trofa do Vouga, atribuídos desde há décadas e sem contestação à arte de duas das figuras mais relevantes do Renascimento em Portugal: João de Ruão e Filipe Hodarte.

Entretanto, os estudos sobre esta época foram prosseguindo e as caracterizações básicas tomando mais consistência, possibilitando assim um mais correcto conhecimento de estilos e correntes artísticas, o que nos permite visitar estas duas obras primas da longa carreira coimbrã de João de Ruão e lançar sobre elas um olhar mais claro e clarificador.

O monumento tumular de Góis data de 1531, o da Trofa, de 1534. As afinidades entre ambos são mais do que evidentes, quer na decoração, quer na estrutura arquitectónica, as características de estilo são de tal maneira manifestas que não oferece qualquer dúvida a atribuição que se tem feito destas obras ao mestre João de Ruão. Mas não se ficam por aqui as afinidades. A escultura de vulto também não oferece dúvidas quanto ao facto de ter sido obra de um mesmo artista, mas pelo seu cunho realista entendeu-se, desde Vergílio Correia e Reinaldo dos Santos, que deveria ter saído da mão de Filipe Hodarte¹.

Outro ponto de contacto decorre do parentesco familiar entre os fidalgos de Góis e os da Trofa. Na verdade D. Duarte de Lemos era primo de D. Luís da Silveira, pois seu avô, Gomes Martins de Lemos, primeiro senhor da Trofa², fora também senhor de Góis. D. Luís da Silveira era filho de uma tia de Duarte de Lemos, D. Brites de Lemos, que herdou o senhorio de Góis e o passou aos Silveiras, pelo seu casamento com D. Diogo da Silveira, escrivão da puridade de D. Afonso V³.

Não restarão dúvidas de que a ideia que presidiu ao levantamento do monumento tumular de Góis foi a mesma que se fez presente na Trofa, de forma mais completa, estimulada por laços familiares e realizada pelo mesmo mestre renascentista.

D. Luís da Silveira é o tipo acabado do cortesão senhor de vasta cultura, inteligência e sensibilidade, de escrita elegante e ditos espirituosos. Criado na corte de D. Manuel, foi guarda-mor do infante D. João, a quem se afeiçoou de tal modo que ousou criticar o rei quando este se apropriou da noiva do filho, decidindo casar com

¹ Vergílio Correia teria feito esta atribuição em recensão crítica à obra de Aarão de LACERDA, *O Panteom dos Lemos* (Cfr. A. Nogueira GONÇALVES, *A Igreja da Atalaia e a primeira época de João de Ruão*, separata de «Biblos», XLIII, Coimbra, 1974, p. 17). Reynaldo dos SANTOS, *Oito Séculos de Arte Portuguesa. História e Espírito*, I, Lisboa, E. N. P., 1964, p. 332-334.

² Sobre a doação do senhorio da Trofa, por D. Afonso V, veja-se: Augusto Soares de Sousa BAPTISTA, *Duarte de Lemos*, «Arquivo do Distrito de Aveiro», XIV, Aveiro, 1948, p. 241-242.

³ Aarão de LACERDA, *O Panteom dos Lemos*, Porto, edição do autor, 1928, p. 17.

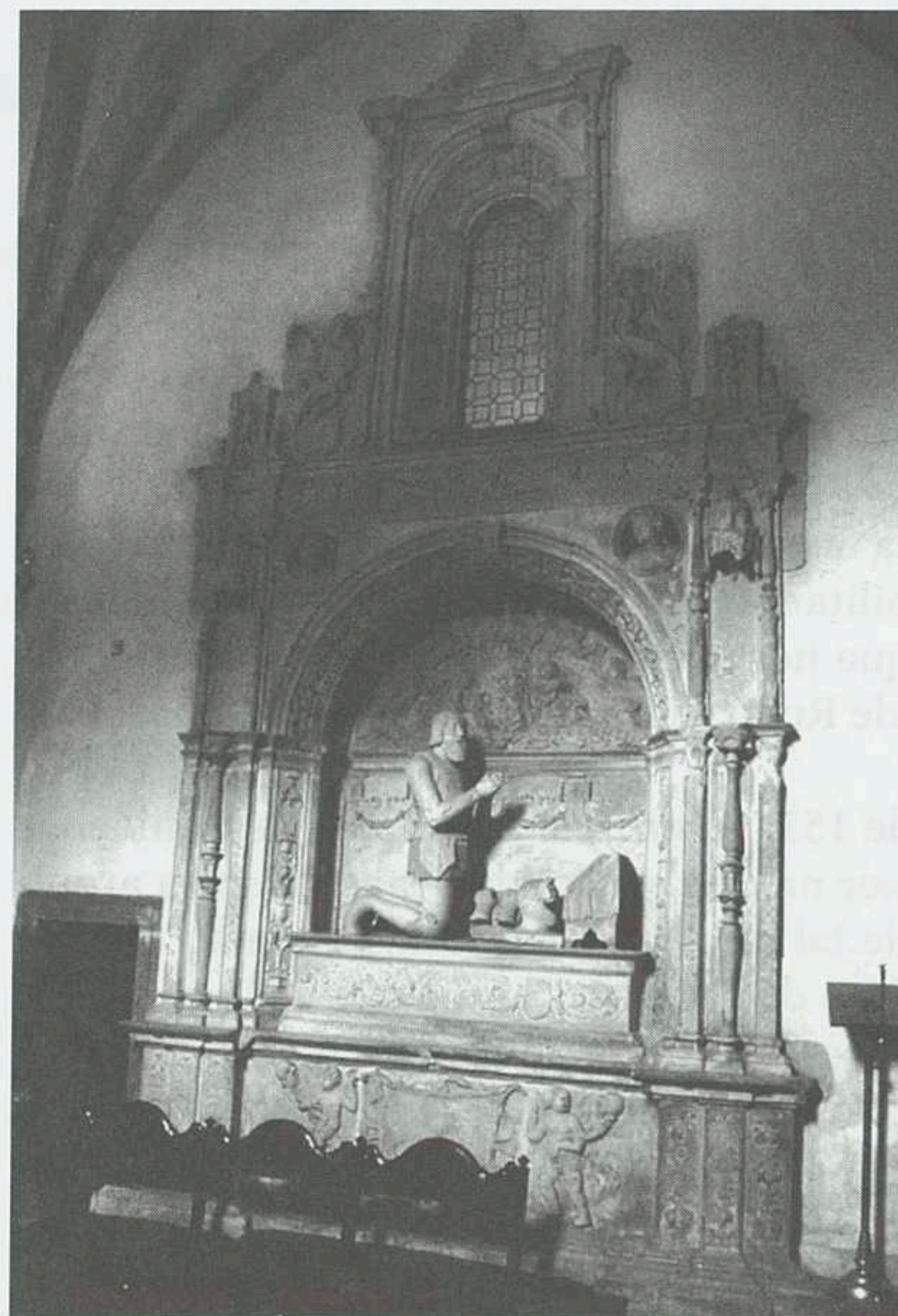


Fig. 1 – Túmulo de D. Luís da Silveira, em Góis

contrato por escrito com Diogo de Castilho para a edificação do paço novo e da capela-mor da igreja de Góis⁴. O paço situava-se perto do rio e no seu risco à romana, feito por Diogo de Torralva, incluía torres e uma varanda de arcadas sobre colunas com vasas e capitéis «de pedra de Ançã mui bem lavrados ao romano». A capela-mor de abóbadas nervadas foi construída em pedra da Várzea, o grés avermelhado da região. Deveria conter o seu túmulo, para o qual ainda não tinha ainda uma ideia muito definida, limitando-se a dizer no seu testamento que se visse «uma sepultura do regedor Aires da Silva que está em S. Marcos junto de Tentúgal e daquela sorte seja a minha e ainda melhor».

É de presumir que entre 1529 e 1531 se concluíram estas obras, pois D. Luís faleceu em 1533, e se do paço nada resta, a capela-mor perdura e nela guarda a obra

⁴ Sobre a biografia deste fidalgo veja-se, principalmente: Vergílio CORREIA, *Um túmulo Renascença*, em *Obras*, III, Coimbra, Universidade, 1953, p. 133-136; João de Castro NUNES, *D. Luís da Silveira Senhor de Góis*, «Munda», 40, Coimbra, 2000, p. 4-9.

⁵ Os documentos foram publicados por Vergílio CORREIA no *art. cit.*

ela⁴. Esta atitude custou-lhe o afastamento da corte, imposto por D. Manuel, sob o pretexto de mau conselho dado ao príncipe.

Porém, logo que D. João III foi aclamado rei em 1522, apressou-se em fazer regressar D. Luís da Silveira, confiando-lhe a importante missão de chefiar uma embaixada à corte de Castela, com a finalidade de negociar o casamento de sua irmã, D. Isabel, com Carlos V e da irmã mais nova de Carlos V, D. Catarina, com o rei português. D. Luís da Silveira apresentou-se na corte de Valhadolid à frente de luzida embaixada que sustentou à sua custa durante cerca de um ano.

De regresso desta missão estanciou ainda alguns anos pela corte, mas a morte da esposa, que lhe havia dado dez filhos, levou-o a reflectir na nova condição de vida e a retirar-se para a sua terra de Góis. D. Luís deveria contar perto de sessenta anos. Corria o ano de 1529. Em Março redige o seu testamento – uma autêntica peça literária – e logo em Abril faz

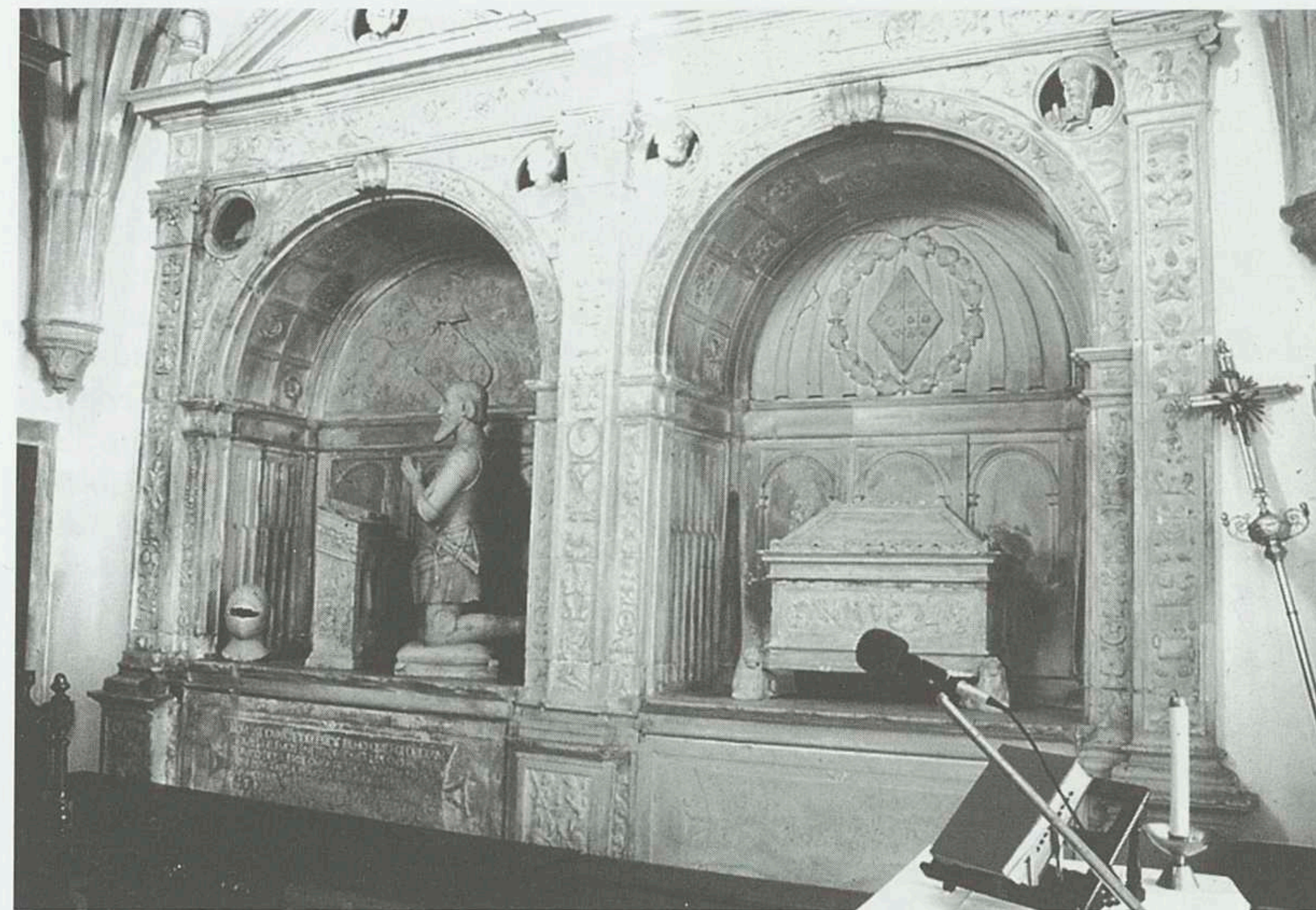


Fig. 2 – Panteão dos Lemos, antigo lado da Epístola, na Trofa do Vouga

prima que é o seu túmulo a atestar o gosto cortesão e humanista de um fidalgo que privou de perto com Carlos V.

Alguns anos mais novo do que D. Luís e ultrapassando-o em longevidade, D. Duarte de Lemos tem uma personalidade bastante diferente.

Em 1508, em Abril, encontramos-lo embarcado para a Índia, na armada de seu tio Jorge de Aguiar, comandando quatro navios pequenos: o «Santa Cruz», em que viajava, o «Rosairo», o «Índia» e o «Santo António». A viagem foi algo atribulada e só em fins de Setembro de 1509 puderam chegar a Ormuz. Afonso de Albuquerque, que ao tempo se esforçava heroicamente por estabelecer na Índia a soberania de Portugal, não teve no fidalgo da Trofa um colaborador leal, antes pelo contrário, «não encontrou em toda a sua vida quem mais afrontasse os seus brios e contrariasse sua acção do que este Duarte de Lemos, voluntarioso, assomadiço, arrogante e falso»⁶.

De lá regressou em 1512, tendo-lhe sido confirmado o senhorio da Trofa em 1514, por renúncia de seu pai, que veio a falecer no ano seguinte. Da sua vida entre 1514 e 1537 pouco ou nada sabemos. Em 1529 morre a mulher, D. Joana de Melo, e

⁶ Augusto Soares de Sousa BAPTISTA, *Duarte de Lemos*, «Arquivo do Distrito de Aveiro», XIV, Aveiro, 1948, p. 242. Das acções de Duarte de Lemos na Índia nos dá miúda conta, baseado nos textos de Gaspar Correia e João de Barros, Aarão de LACERDA, *O Panteom dos Lemos na Trofa do Vouga*, Porto, 1928, p. 21-50.

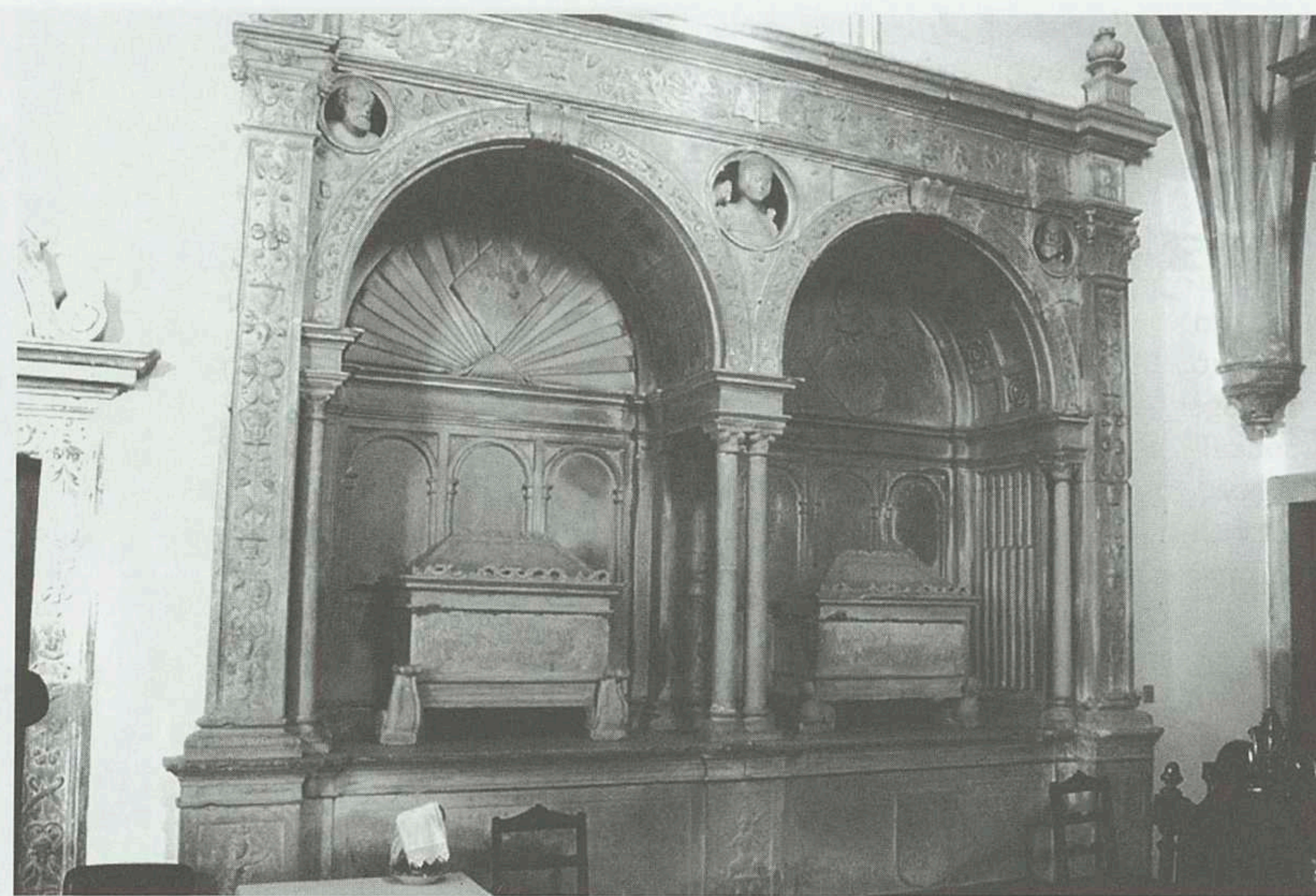


Fig. 3 – Panteão dos Lemos, antigo lado do Evangelho

este acontecimento poderá ser a causa próxima que o levou, em 1534⁷, a mandar fazer os túmulos para si e seus familiares à semelhança do que tinha ordenado seu primo em Góis.

Em 1537 encontrava-se já no Brasil, tendo andado pelas donatarias da Baía, Pernambuco e Espírito Santo, onde veio a receber, pelos seus serviços, a ilha de Santo António. Em 1548 sabemos-lo de novo em Portugal, mas no ano seguinte regressa ao Brasil com o primeiro governador, Tomé de Sousa, de quem recebeu o governo da capitania de Porto Seguro. Por lá se manteve, não sem alguns actos inquietos, em que demonstrou que o seu carácter em nada tinha mudado, até, pelo menos, Janeiro de 1558, tendo falecido nesse mesmo ano, aos 27 de Junho, com toda a probabilidade já na sua terra, podendo, finalmente, descansar no túmulo que tão cuidadosamente tinha mandado preparar.

Ainda hoje são actuais as apreciações feitas ao túmulo de D. Luís da Silveira, por Vergílio Correia⁸ em 1921: «obra (do Renascimento) melhor delineada, executada e

⁷ Esta data foi viciada no decorrer do tempo. Só o esclarecimento da vida de Duarte de Lemos, feito por Augusto Soares de Sousa Baptista veio permitir uma datação correcta. Além do art. cit., veja-se também, do mesmo autor, *A Capela dos Lemos na Trofa*, Arquivo do Distrito de Aveiro, XII, Aveiro, 1946, p. 245-256.

⁸ *Obras*, III, Coimbra, 1953, p. 139.

corrigida [...] uma autêntica maravilha.» Mas o conjunto tumular da Trofa é merecedor de iguais encómios.

A disposição dos elementos arquitectónicos é basicamente a mesma nestes monumentos funerários: um arco sobre envasamento alto, ladeado por pilastras. É um esquema que João de Ruão utilizou, com uma multiplicidade de variantes, em portais e retábulos, mas que neste caso se pode filiar na tipologia tumular estabelecida por Bernardo Rossellino no monumento de Leonardo Bruni, em Florença. No fundo trata-se do motivo do arco triunfal, especialmente adequado para simbolizar a entrada na eternidade da personalidade ali sepultada, quer se encontre representado em escultura de vulto, quer memorado em simples osteoteca.

Em Góis sobrevive ainda um rasto de gótico na profusão de colunelos apostos às pilastras, no estiramento ascensional de certos elementos e nos baldaquinos laterais. Os túmulos da Trofa denotam uma visão mais clássica e também mais arquitectónica que evidencia uma clara evolução da arte ruanesca. Esta faceta de arquitecto de João de Ruão tem sido muito destacada, e com justeza, nos últimos tempos⁹. Mas será talvez exagerado afirmar que ele foi um «arquitecto frustrado»¹⁰, devido à falta de certezas que paira nesta matéria, antes soube aliar com mestria, desde o início até aos últimos anos da sua actividade em Portugal, conhecimentos de arquitectura ao melhor da sua expressão artística – a escultura.

O arco de Góis é chanfrado, enquanto que os da Trofa são simples, o que faz com que o espaço neles contido se torne mais profundo, a formar abóbada dividida em caixotões. Aqui as pilastras ganham maior protagonismo mas nos túmulos do antigo lado do Evangelho elas são acolitadas por colunelos e a pilastra central foi omitida,



Fig. 4 – Aspecto do túmulo de D. Luís da Silveira (foto Regina Anacleto)

⁹ Veja-se a propósito o trabalho de Susana Matos ABREU, *A Docta Pietas ou a Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador, também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692)*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999 (Policopiado).

¹⁰ Rafael MOREIRA, *Arquitectura: Renascimento e classicismo*, em *História da Arte em Portugal* (dir. Paulo Pereira), Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p. 326.



Fig. 5 – Túmulo de D. Luís da Silveira, em Góis

Os medalhões com bustos masculinos e femininos são uma das notas mais tipicamente renascentistas. Primorosos pelas expressões e atitudes naturais, deverão representar figuras mitológicas e da história antiga. Em Góis encontram-se apenas dois, os mais conseguidos de todos, mas na Trofa dispuseram-se nada menos que nove, já que além de ocuparem as cantoneiras preenchem também o espaço livre dos frontões.

Há ainda outros medalhões mais pequenos, igualmente com figuras de ambos os sexos, dispostos pela decoração que preenche grande parte das superfícies. Nas faixas horizontais e frisos serpenteiam hastes de folhagem ondeada e seres híbridos, plenos de fantasia. Nas pilastras e pés direitos a decoração é simétrica e recorre a dragões e aves de fantasia, bucrânios, tíbias cruzadas, couraças, escudos, alabardas, elmos, cimitarras, flores, símbolos da Paixão de Cristo¹¹. Todos estes ornatos se

¹¹ Uma descrição mais pormenorizada pode ser vista em. Vergílio CORREIA, *Obras*, III, Coimbra, 1953, p. 138-142, e A. Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro – Zona Sul*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1959, p. 40-43.

ficando os colunelos emparelhados. Até no mesmo conjunto Ruão variou a aplicação dos elementos, dando a este lado uma ar de maior leveza.

Diverso é também o remate que, por razões estruturais dos edifícios, teve que integrar janelas. No túmulo de D. Luís da Silveira a absorção da janela faz-se de forma perfeita, formando como que uma edícula na parte superior da composição, ladeada por figuras femininas fantásticas segurando cornucópias. Anunciam já o Maneirismo que irá ser marcante na segunda fase do mestre. Na Trofa do Vouga, já que os arcos tumulares se encontram a par de um e outro lado da capela-mor, a janela situa-se a meio, não havendo praticamente integração mas sim sobreposição. No antigo lado da Epístola, onde se situa o túmulo de Duarte de Lemos e o de sua mulher D. Joana de Melo, o remate é constituído por frontões triangulares, ficando a janela a meio. Do lado oposto, os túmulos de Gomes Martins de Lemos e de sua esposa D. Maria de Azevedo, pais de D. Duarte, não têm frontões.

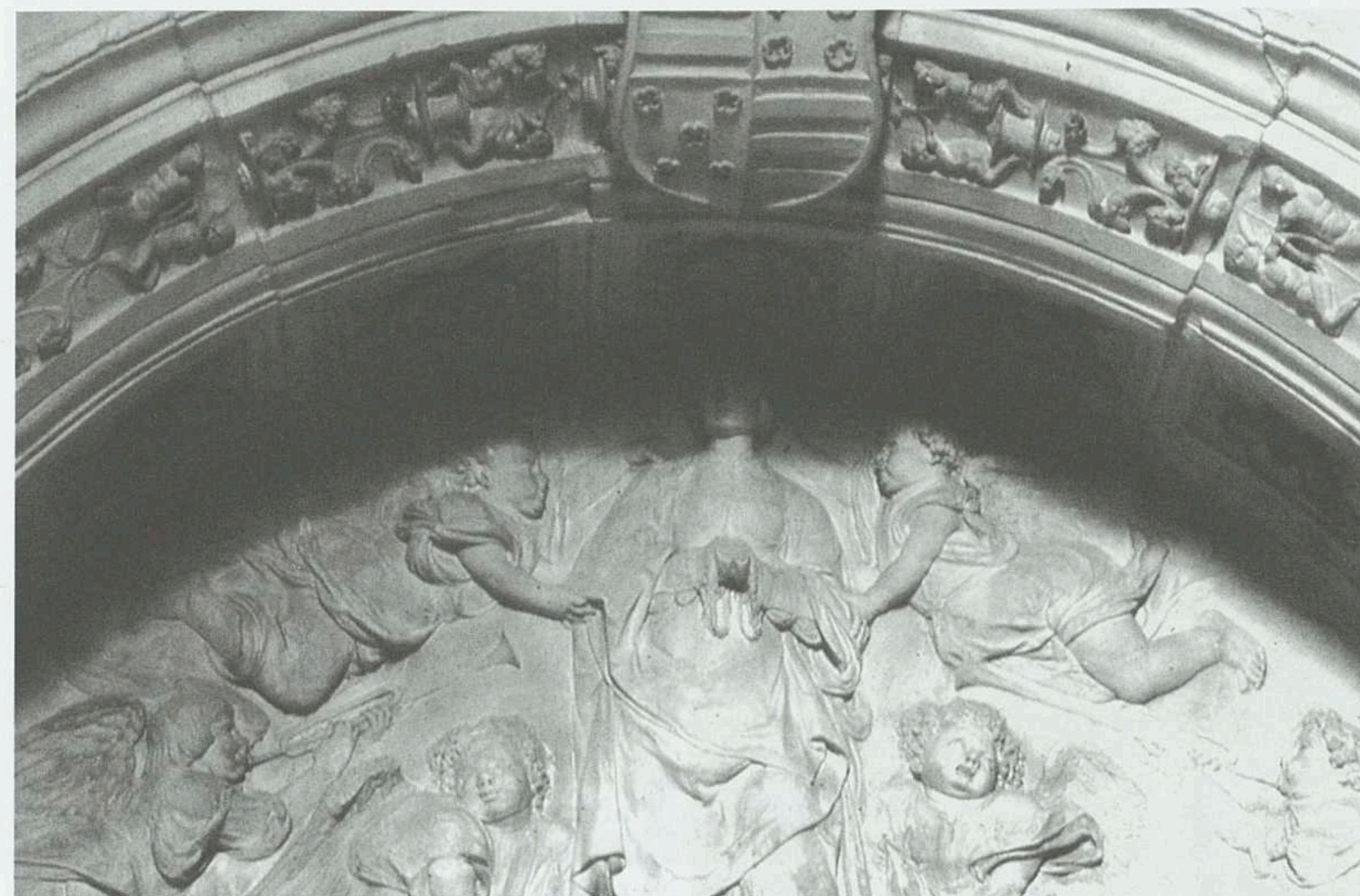


Fig. 6 – Assunção da Virgem, no túmulo de Góis (foto Regina Anacleto)

apresentam com uma leveza extraordinária, em relevo mínimo, assumindo aspectos quase pictóricos pelo partido que tiram da luz que sobre eles flui, como se também ela os modelasse. Tal como outros elementos, são uma quase assinatura de João de Ruão.

Enquanto que nos túmulos dos Lemos se nota a ausência da temática religiosa, no de D. Luís da Silveira ela está presente através dos símbolos da Paixão e, com muito mais força, no relevo da Assunção da Virgem, que preenche o luneto do arco, servindo de fundo à cabeça da estátua. Foi um dos temas mais solicitados a João de Ruão e de particular devoção de D. Luís da Silveira pois já antes dedicara a esta invocação mariana uma ermida que fizera construir no alto sobranceiro à vila. A figura da Virgem ergue-se ao centro, em postura tipicamente ruanesca, acompanhada por seis graciosos anjos, dispostos em simetria.

Na Trofa, o túmulo mais importante é, sem dúvida, o do patrocinador, que ocupa lugar do antigo lado da Epístola, junto do altar-mor. O túmulo de Góis localiza-se no antigo lado do Evangelho. Ambos incluem, por sobre a arca tumular, a estátua ajoelhada, em tamanho natural, respectivamente de D. Duarte de Lemos e D. Luís da Silveira.

São enérgicas as representações dos dois primos, nas armaduras de guerra e cabeças cheias de vida, mostrando ser pessoas já de idade madura e com alguma flacidez muscular, mas ainda vigorosas.



Fig. 7 - Pormenor da decoração, nos túmulos da Trofa do Vouga

A expressão é enérgica, mas de grande religiosidade, olhos vivos para o altar, lábios entreabertos, parece balbuciar as palavras que se encontram escritas no livro de orações: *Domine labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam Deus in adiutorium meum intende Domine ad adjuvandum me*¹².

A cabeça de D. Duarte de Lemos é ainda mais vigorosa, no seu olhar penetrante sob as sobrancelhas fartas e arqueadas. Uma calvície em avanço deixou-lhe ralos cabelos sobre a testa e outros que caem, com maleabilidade cobrindo a nuca e contornado as orelhas. A barba, abundante, corta-se em ponta direita, permitindo adivinhar os fortes maxilares. Os lábios entreabertos deixam ver alguns dentes, que a literatura afirma serem «mui grandes e mui compridos».

Completam a composição escultórica a estante para o livro de orações, o elmo e os guantes, lavrados cada qual separadamente. A estante de Góis é mais singela, mas

¹² «Senhor, abre os meus lábios, para que a minha boca possa anunciar o Teu louvor. Deus, vinde em meu auxílio. Senhor, apressai-Vos em socorrer-me.» São versículos de salmos de David: *Salmos*, 51, v. 17; 70, v. 2.

As armaduras, embora diferentes, apresentam traços comuns e vestem sobre cotas de malha, sendo a de D. Luís de carácter mais áulico. A de D. Duarte apresenta gravada no peito da couraça uma cruz da Ordem de Cristo, de que auferia umas das comendas. Parecem ser reproduções fiéis de exemplares postos à disposição do escultor.

Ambos os fidalgos se encontram representados de mãos postas e cabeça descoberta, orando em direcção ao altar. As mãos, de dedos longos, bem deli-neados e naturais, sugerem textura quase epidérmica, em que se notam as veias.

É na cabeça e no rosto onde se afirmam as características pessoais de cada um, sem descurar a beleza da forma, pelo que julgamos poder afirmar tratar-se de verdadeiros retratos, mas com uma importante dose de idealização.

D. Luís da Silveira tem farta cabeleira que lhe tapa as orelhas, cabelo sobre a testa, em franja. Barba e bigode igualmente fartos, em madeixas ondeadas, formando recorte redondo.



Fig. 8 - O livro e o elmo, no túmulo de D. Luís da Silveira

encontra-se recoberta com um pano que cai com maravilhoso naturalismo e o livro apresenta a inscrição já referida, de tão profundo significado. A da Trofa é um móvel alto, de labores renascentistas, incluindo dupla arcada de colunelos. Os guantes de D. Luís dispõem-se no espaço que imediatamente o antecede; os de D. Duarte representam-se em baixo relevo por detrás da sua figura possante.

Todo este realismo levou a que se pensasse em Hodarte como único artista capaz de tal forma de expressão. Mas a verdade é que nada se conhece de Hodarte, que seja fiável, para além dos malogrados barros da Ceia do refeitório do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Por outro lado, o conhecimento que hoje se tem da obra de João de Ruão leva-nos a concluir que este mestre escultor nos deixou figuras de realismo e expressão semelhantes em obras contemporâneas como, por exemplo, os profetas sobre o portal de Santa Cruz, da Deposição do mesmo mosteiro ou da porta espiciosa da Sé Velha.

Seria pouco provável que, numa obra empreitada por Ruão, ele fosse dar a parte principal, da escultura de vulto, que ele fazia tão bem, a um escultor errante que lhe passava pela porta, tanto mais que ele se encontrava praticamente em começo de vida, com oficina em lançamento e os filhos para educar¹³.

¹³ Sobre a biografia de João de Ruão veja-se ainda o nosso *João de Ruão, escultor da Renascença Coimbrã*, Coimbra, Instituto de História da Arte, 1980, onde se indica bibliografia.



Fig. 9 – D. Duarte de Lemos, orando na sua estante

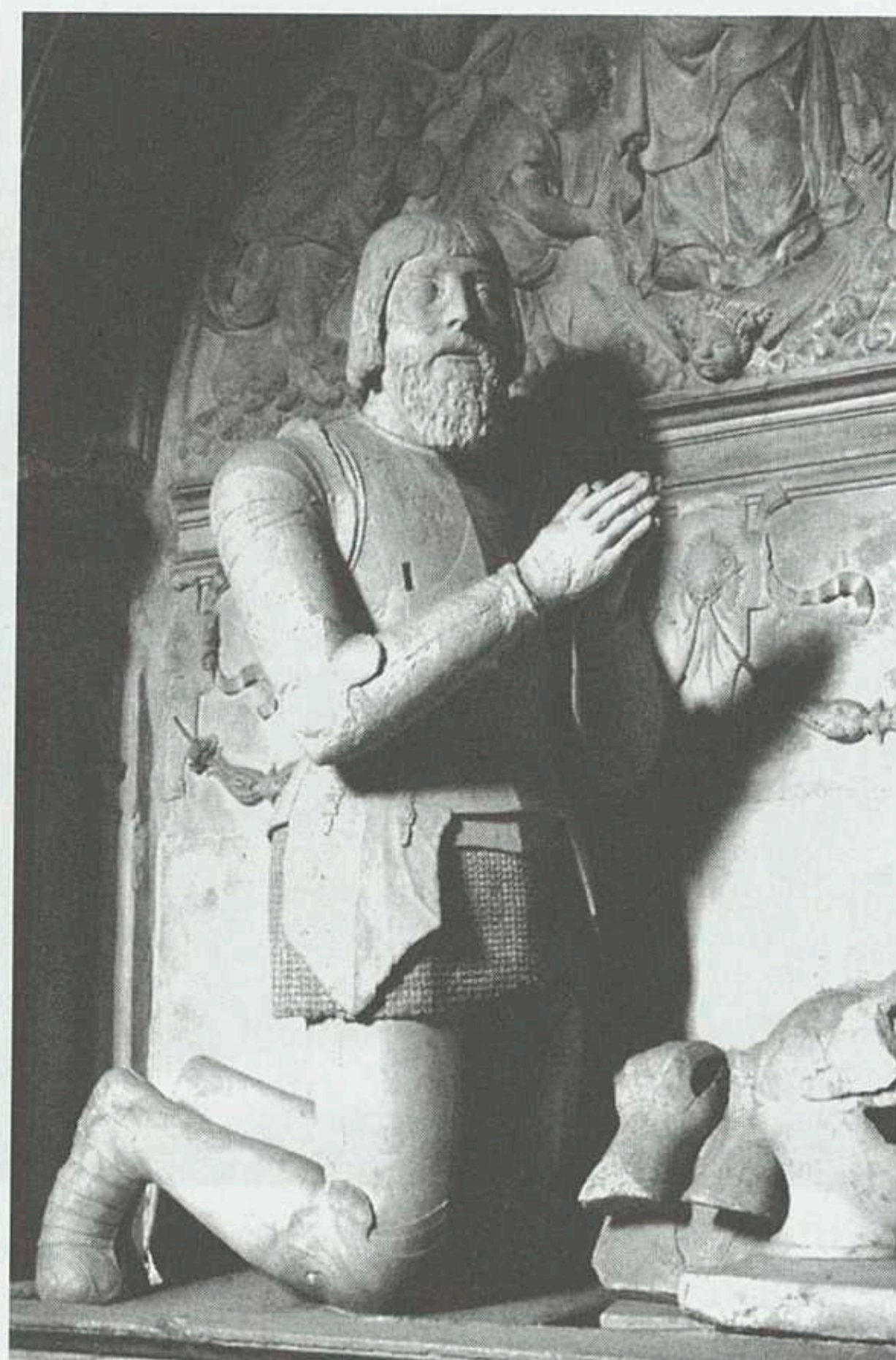


Fig. 10 – D. Luís da Silveira



Fig. 11 – D. Duarte de Lemos

Não há nada nas estátuas de Góis e da Trofa que não possa ter sido feito por João de Ruão. Devolvamos, pois, o seu a seu dono. Não se trata de imagens devo-cionais, dessas que o escultor normando passou uma vida inteira a fazer. São representações de pessoas reais, que não passaram despercebidas na vida e na sociedade do seu tempo e assim qui-seram ser retratadas para a posteridade: – em Góis, um cortesão, D. Luís da Sil-veira; em Trofa do Vouga, um rude soldado, D. Duarte de Lemos.